

O Libertário

LUTAMOS CONTRA
TODAS AS FORMAS DE
TIRANIA, DE EXPLORA-
ÇÃO E DE OBSCURAN-
TISMO — E EM PROL DE
LIBERDADE E BEM-ESTAR
PARA TODOS.

Carestia:

**Produto da Exploração Capitalista.
Só o povo pode resolvê-la com
sua ação direta**

A situação angustiosa a que está sujeito presentemente o povo, fazendo com que, onde não reina a miséria a penúria impera, reclama medidas de emergência de caráter decisivo e de pronta execução.

A carestia da vida atinge uma situação indescritível. Os preços das mercadorias elevam-se a proporções astronômicas. Os alugueis das habitações, os gêneros alimentícios, os combustíveis, o vestiário, os medicamentos, tudo, enfim, quanto é indispensável à vida está sujeito às roubafeiras dos açambarcadores, manobreadores do câmbio-negro que, como um polvo imenso, exercem a sua exploração em todos os setores de atividade, dominando pelo suborno infrene, que está exercendo uma influência deletéria no ambiente social.

Urge, pois, desde logo, mover guerra sem tréguas, implacável e corajosamente, contra os exploradores da miséria do povo, com a aplicação de medidas drásticas imediatas.

Ao mesmo tempo, agir desassombradamente no sentido de se conseguir a redução dos alugueis; a abolição dos tributos de toda natureza que gravam os gêneros de primeira necessidade, fazendo-os recair sobre produtos de luxo, bebidas e coisas supérfluas; barateamento e regularização dos meios de transportes etc.

Mas como conseguir isso? A quem confiar a aplicação das medidas necessárias? Continuar-se esperando que a salvação saia das engrenagens trituradoras das coordenações?

Certamente que não, pois seria permanecer-se na mesma situação.

A quem, então, competirá agir em defesa dos interesses do povo? A experiência já demonstrou cabalmente que o povo não poderá esperar de quem não para ele a salvação, que sua própria ação é produtiva. Isso tem sido constatado aqui como em toda a parte.

Não vimos o que aconteceu, ainda recentemente, na Europa devastada pela guerra provocada pelas disputas dos lobos do capitalismo? Destruíram-se milhares de casas e o povo ficou ao relento. Mas havia muitas casas desocupadas ou destinadas a coisas inúteis. E o povo ocupou-as para nelas habitar. Na Itália, a guer-

ra deixou multidões de camponeses desocupados. Mas havia extensões enormes de terras de latifundiários parasitas que as conservavam improdutivas. E os camponeses arrebitaram as cercas e trataram de cultivá-las para delas tirarem produtos necessários à vida da população italiana. Ainda na Itália, também por efeito da guerra, a atividade de Carrara ficou paralisada em virtude da destruição de uma ponte indispensável à vida da cidade, e que a burocracia estatal tardava em reconstruir, provocando, com isso, a desocupação e a miséria. Mas os trabalhadores, orientados pelos libertários, puseram mãos à obra, e a ponte rapidamente foi reconstruída, dando nova vida à cidade dos mármore eternos.

Mas não precisamos sair daqui para indicar exemplos de como se pode agir.

De grande vulto foi o movimento popular contra a carestia da vida em São Paulo. Em São Paulo e na antiga capital da República, essa agitação, promovida por trabalhadores, estimulados pelos libertários, assumiu, em certa época, grandes proporções. Num sucessão de comícios que se realizaram por todos os pontos das duas capitais e em lugares centrais, essa agitação forçou os governantes a juntarem às violências contra os trabalhadores certas medidas tendentes a

minorar a situação atormentada da população pobre.

Ignora-se hoje que a venda pública de gêneros de primeira necessidade, em feiras livres, agora desvirtuadas de sua primeira finalidade, surgiu como consequência de uma campanha

de luta contra a carestia, tornou-se mais ativa, em certo momento, a campanha sustentada pelos trabalhadores contra a alta dos alugueis de casa, fundando-se, por iniciativa dos anarquistas, para tal fim, a Liga dos Inquilinos, que se manteve em atividade durante bastante tempo, com atividade prática, chegando a impedir despejos.

Na campanha contra a carestia da vida a ação competirá, portanto, ao povo, que terá de agir diretamente, fazendo pressão sobre os governantes e sobre todos os elementos de quem qualquer providência dependa.

De que forma se desenvolverá essa ação? Por meio das ligas de inquilinos e consumidores, em cooperação com organizações populares e os sindicatos proletários.

Quem melhor do que os trabalhadores para indicar o que se produz, como se faz a produção e que destino é dado às mercadorias produzidas?

Dispõe, portanto, o povo, de todos os elementos de orientação, sem ser preciso recorrer à burocracia emperadora, dispondo também dos elementos para a ação, representados por suas organizações, postas em atividade para esse fim.

Os protestos da imprensa e as manifestações públicas — necessárias para a revelação do que se passa e para avivar o ânimo popular — não produzirão os seus efeitos, se não forem acompanhados da ação prática.

O povo organizado e pôsto em atividade tudo conseguirá. Por meio de

sua organização e de sua atividade impedirá o açambarcamento de gêneros, porque fácil será denunciar quem e onde se pretenda praticar esse crime; quando se queira ocultar mercadorias para elevar o seu custo no mercado, isso não se poderá fazer, porque

dores, apoiados em seus sindicatos, isso impedirão; a venda de mercadorias estragadas e as falsificações não serão mais possíveis, porque os trabalhadores se negarão a se tornarem cúmplices desses delitos contra a saúde do povo, ao qual pertencem.

Ainda pela ação do próprio povo, poderão surgir por toda a parte as cooperativas, desembaraçadas dos vícios governamentais: cooperativas de produção e de consumo, para livrar os rozeiros, a gente sacrificada do campo, da exploração escorchante dos intermediários; cooperativas de consumo, distritais, suburbanas, de bairros e quarteirões, dos sindicatos operários e associações populares, para o fornecimento de gêneros de primeira necessidade adquiridos diretamente das cooperativas produtoras.

Esse movimento cooperativista, além do interesse econômico imediato, poderá ser ainda um valioso veículo de educação dos hábitos de sociabilidade baseada no apoio-mútuo, desde que se pratique um cooperativismo social livre das peias burocráticas e do interesse comercial, destinando-se seus fundos inteiramente à obra de abastecimento, assistência, cultura e recreio dos cooperadores.

O povo pode, pois, conseguir solução para o problema da carestia da vida sem depender de pretensos salvadores que nada farão. É só decidir-se a agir diretamente.

EDGARD LEUENROTH



A Conjuntura Mundial

FREDERICO BRITO

É inegável, por ser evidente, a situação convulsiva por que presentemente atravessa o Mundo. Um ambiente de incertezas e inquietudes fornece os elementos para agitações de toda natureza, que se transformam em movimentos de rebeldias contra regimes de opressão e em prol de reivindicações emancipadoras.

O mundo apresenta-se como se fosse um imenso cadinho de fundição social, dentro do qual se entrecrocavam os sistemas estatais e de organizações governamentais — para a moldagem de novas estruturas de convivência humana.

Os imperialismos atravessam um período de completa e definitiva desagregação, resultando desse estado de coisas o oco do odioso colonialismo — que está chegando ao seu fim.

Os povos secularmente sujeitos à tirania vinda de fora para escravizá-los e explorá-los lançam-se à luta libertadora, para se organizarem em nacionalidades autônomas, passando a participar livremente do convívio dos demais povos e a terem voz ativa nas organizações internacionais.

Em certos povos, esse movimento de autonomia e de liberação — e arrancam para si, e aproveitando o impulso renovador para romperem igualmente com os moldes atrofiados do regime capitalista.

A partir da primeira guerra mundial, dentre cujos escombros irromperam movimentos libertadores em vários países — vencedores uns, vencidos outros — essa situação não sofreu solução de continuidade, estendendo-se cada vez mais e acentuando-se em profundidade o caráter reivindicador dessas sublevações.

Todos esses movimentos são animados por finalidades sociais, mirando firmarem-se em fundamentos sociais. Diferenciaram-se em peculiaridades próprias das características de cada país, onde se desenvolvem.

E tudo indica que esse movimento remodelador das bases fundamentais do sistema capitalista na organização da sociedade, com variantes de modalidades ambientais, não sofrerá solução de continuidade, sendo de prever que outros povos se movimentarão igualmente nesse sentido — e isto porque não se trata de acontecimentos de superfície, mas de fenômenos sociais de profundidades, espelhando um novo ciclo no ritmo da civilização.

Chegará até nós esse impulso de remodelação social? Atravessará ele o Atlântico, buscando as plagas brasileiras, para que também sob o signo do Cruzeiro do Sul passe a tremular a bandeira da libertação socialista?

Não temos dúvida: a evolução caminha nesse sentido e não haverá forças que a possam deter.

Estando o Brasil sujeito a todos os fenômenos sociais oriundos da sociedade capitalista, em cujas bases se enquadra a sua estrutura, logicamente não poderá escapar a consequências dessa situação — devendo enfrentá-la conscientemente com decisão e firmeza, preparando-se para — libertando-se da tirania do regime dominante — não cair nas malhas estranguladoras de alguma ditadura pseudo-esquerdistas.

A liberdade sem o socialismo é o privilégio, a injustiça; o socialismo sem liberdade é escravidão e brutalidade. Protestaremos sempre contra tudo o que se assemelhe, de perto ou longe, a comunismo ou socialismo de Estado.

MIGUEL BAKUNINE

Publicação de "O Libertário"

"O Libertário" fez anos — e isso passou despercebido. Seu primeiro número apareceu em outubro de 1960, completando, portanto, um ano de existência em outubro de 1961, com cinco números publicados.

Consequentemente, no cabeçalho do número 6, aparecido em novembro de 1961, já deveria figurar — ano 2, bem como no do número 7, desta fase de formato aumentado.

Grandes foram as dificuldades a vencer nesse período e que não permitiram conseguir-se a publicação do nosso jornal com a necessária regularidade.

Maiores serão, naturalmente, as que teremos de enfrentar nesta sua nova fase de formato duplicado, com as despesas consideravelmente aumentadas.

Isso, todavia, servirá de estímulo para redobramos os esforços no sentido de suportar esse novo encargo e vencer todos os óbices que surgirem, para podermos manter e divulgar cada vez mais este vozzeiro libertário — como expressão ativa de nossa luta em prol do ideal de libertação social.

E temos sobejas razões para admitir ser esse igualmente o propósito dos companheiros e simpatizantes, isto é, de prestarem sua cooperação objetiva aos que estão encarregados mais diretamente da publicação do jornal.

E' óbvio que sem essa ajuda ativa e permanente os nossos esforços seriam perturbados, com prejuízo da obra do jornal. Não lhe pode faltar o apoio daqueles que julgam necessária a sua publicação, visto não contar ele com a renda da publicidade e muito menos com subvenções corruptoras.

Essa ajuda torna-se efetiva agindo cada qual no sentido de obter assinantes, entre amigos, conhecidos e estudiosos da questão social e também conseguindo a venda do jornal nas bancas de jornaleiros.

Para o consequimento mais direto e pronto dos recursos destinados ao custeio das despesas — que são exclusivas da feitura do jornal, pois, como sabem os companheiros, os trabalhos de redação e administração são administrados gratuitamente — há a subscrição voluntária com contribuições permanentes ou eventuais, por pequenas que sejam, enviadas diretamente, distribuindo a administração listas especiais para esse fim.

Assim, com essa cooperação efetiva, poderemos manter a publicação regular de "O Libertário" todos os meses, podendo-se passá-lo a quinzenário e até a semanário, logo que os recursos bastarem para tanto. Isso será, certamente, conseguido, não é verdade, companheiros?

Oliveira Viana e a Questão Social

Pronunciamento decisivo sobre os imperativos da questão social no Brasil encontra-se num trabalho de Oliveira Viana, o escritor considerado como um dos mais consagrados sociólogos brasileiros.

"O problema social não é um problema exclusivo aos povos capitalistas e ultra-industrializados. É um problema universal. Ele existe aqui como existe em qualquer país civilizado, cristão ou não. Não podemos afastá-lo sob a frívola alegação de que as questões que ele encerra são estranhas ao espírito do nosso povo e à organização econômica. Nada hoje, que se passa no mundo nos pode ser indiferente. Não somos nenhuma tribo de indígenas arborícolas, habitando em

algum recanto esquecido da Paupasia, fora de todo contato com os povos civilizados. Vivemos entre eles, respirando seu clima moral, sentindo as suas preocupações e aspirações; consequentemente, não nos podemos subtrair à influência das correntes espirituais que os agitam.

O problema social é o problema fundamental desta civilização, a que estamos incorporados, como uma grande nação, que somos, pela extensão do território, pela grandeza da sua riqueza e de sua cultura. Problema fundamental da civilização, a que pertencemos, não pode deixar de ser também nosso. Temos, justamente por isso, que resolvê-lo".

PROUDHON E MARX

De LIBERTO L. REIS

I

O semanário "Novos Rumos", órgão dos comunistas do Brasil, prosseguindo na publicação do capítulo XI da "História do Movimento Operário", divulgou uma crítica a Proudhon e ao anarquismo, baseada no livro de Karl Marx "Miséria da Filosofia". Quem lê o mencionado artigo sem possuir conhecimentos da gênese do socialismo e da história das lutas sociais, poderá aceitá-lo como sendo a expressão da verdade, tal a forma em que foi versado. Começa assim o artigo: "Em sua luta para estabelecer os fundamentos teóricos e a tática do socialismo proletário revolucionário, Marx e Engels, como temos visto, iam ao mesmo tempo ajustando contas com as diferentes concepções não proletárias que então confundiam e prejudicavam o movimento operário. Em 1847 chegou a vez do anarquismo do socialista francês pequeno-burguês Proudhon". Em resumo, eis o que leu Marx no livro de Proudhon "Sistema das Contradições econômicas ou Filosofia da Miséria": que Proudhon considera a propriedade privada dos meios de produção e a troca de mercadorias como instituições justas, fundamentos imutáveis, eternos de toda e qualquer sociedade; embeleza a pequena propriedade, não preconiza a destruição do capitalismo, mas, pelo contrário, Proudhon prega o aperfeiçoamento, a melhoria do regime capitalista. E assim liquidou Proudhon e o anarquismo.

Marx, realmente, leu o livro de Proudhon com a única intenção de o destruir, de acabar com tudo quanto pudesse denunciar a semente de que estavam brotando as suas idéias. Quem lê os dois livros, comparando-os, se ainda não tiver o entendimento ofuscado pelo dogmatismo imposto por qualquer sistema de *linha justa*, terá forçosamente que chegar a esta conclusão.

Nem é mesmo preciso ler o livro de Proudhon, com suas 649 páginas. A simples leitura do panfleto de Marx, chegará para mostrar que este leu o "Sistema das Contradições Econômicas" pelo *caso*. De uma dezena de vezes Marx cita pensamentos de Proudhon e os comenta exatamente como se tivessem o sentido extremamente oposto. Isso sem levar em conta o estilo férreo, escarificador, procurando a cada passo tornar ridículo o antagonista.

Quem nada mais conhecer sobre as relações entre os dois pensadores socialistas, crerá que sempre foram acérrimos inimigos, adversos em suas idéias e lutas.

Como tenho a impressão que o autor do citado artigo se encontra no caso dos que, hoje, apenas conhecem — se é que conhecem — sobre o anarquismo, o livro "Miséria da Filosofia", procurarei lembrar alguns fatos que mostrem até que ponto são capazes de deturpar a verdade os donos da "vanguarda esclarecida do proletariado". Fatos que, aliás, contribuíram, desde o nascimento, para a subdivisão das correntes socialistas, impedindo a eclosão da revolução social, esperada mesmo em dias do século passado, como o denota toda a literatura dessa época.

Marx conheceu Proudhon no inverno de 1844-45, em Paris, com três outros escritores alemães: Karl Grün, Moise Hess e Ewerbeck, que ali foram parar como refugiados, fugindo à perseguição policial em seu país de origem.

Em fins do mesmo ano, Marx, em sua obra "Sagrada Família", consagra a Proudhon nada menos que cinquenta páginas plenas de elogios, saudando o livro deste "Que é a Propriedade?", publicado em 1840, como "o manifesto científico do proletariado francês". Neste livro, cujo título é interrogativo, Proudhon dá a resposta desde as primeiras linhas: "é o roubo".

O livro de Proudhon já havia sido publicado em alemão, embora numa editoria restrita. Marx, sendo redator-chefe da "Rheinische Zeitung" (Gaze-

ta do Reno, no n. 289, de 16-10-1842, escrevia o seguinte: "Obras como as de Leroux, Considerant e especialmente o livro perspicaz do senhor Proudhon, não podem ser criticadas com algumas observações superficiais. É preciso estudá-las detidamente antes de as criticar". Nessa época Marx não havia abraçado as idéias socialistas, mas já era jornalista de pena tatalhadora, uma das primeiras vozes da oposição liberal.

Foi o livro de Proudhon que converteu Marx ao socialismo. Veja-se o que diz à página 36 da "Sagrada Família": "Todo o desenvolvimento da economia nacional considera a propriedade privada como hipótese inevitável. Esta hipótese constitui para ela um fator incontestável, que nem sequer trata de investigar e à qual se refere acidentalmente, segundo a expressão de Say. Proudhon se propôs analisar de um modo crítico a base da economia nacional, a propriedade privada, e foi a sua a primeira investigação energética, considerável e científica ao mesmo tempo. Nisso consiste o notável progresso científico que ele realizou, progresso que revolucionou a economia nacional, criando a possibilidade de fazer dela uma verdadeira ciência. "Que é a Propriedade?", de Proudhon, tem para a economia a mesma importância que a obra de Say "Que é o Terceiro Estado?" teve para a política moderna".

À página 52 da mesma obra lê-se: "Proudhon, não somente escreveu em favor dos proletários, como também ele é um proletário (Proudhon era tipógrafo), um trabalhador; a sua obra é um manifesto científico do proletariado francês."

PROBLEMAS DOUTRINÁRIOS

A PROPOSITO DA REVOLUÇÃO SOCIAL

A. E. LYZENKO

Ainda que haja quem não pense desse modo, a revolução social não se resume no aspecto militar da questão; ela é mais profunda do que a primeira vista possa parecer.

"Polícia e exército" garantem exteriormente a ordem social em vigência. A polícia, por exemplo, é uma espécie de organização militarizada ou para-militarizada, ainda quando se intitula de civil; é uma entidade normalmente de natureza repressiva, qualquer que seja o aspecto humano-social em que possa ser encarada. É uma instituição que vive a soldo do Estado e, conseqüentemente, à disposição das classes dominadoras de qualquer sociedade. Ela é o primeiro tropaço que temos pela frente, embora os policiais sejam tão desgraçados como nós outros, e muitos não tenham mesmo consciência disso. Então, a polícia, como outras instituições congêneres, são manifestações objetivas do aspecto repressivo do Estado. Complementando a ação da polícia, protegendo-a e amparando-a, nas suas investidas brutais contra os anseios de liberdade, acha-se o exército que, como aquela, pode ser terrestre, marítimo e aéreo, conforme seja a área de suas atividades.

As forças armadas de todos os países do mundo, à guisa de defensores da pátria, defendem de fato o direito de propriedade e os infamantes privilégios sociais, de cujos pungentes e nocivos efeitos os próprios soldados são também vítimas inelutáveis. Sobre não tem pátria. É escravo em qualquer parte do mundo.

Antigamente, quando ainda não se definiam bem as estruturas do Estado, os grandes senhores feudais, ao conquistarem determinados territórios, tinham uma série de capangas armados para defenderem os seus privilégios de casta dominante. É claro que, com o "progresso", este método de opressão teve que ser oficializado e tratado com o devido carinho, por aqueles que tinham interesses a defender.

Por isso não se poderia compreen-



GRUPO JUVENIL

Os jovens componentes deste grupo reúnem-se aos sábados, de tarde, na sede, à Rua Rubino de Oliveira, 95, para trocar impressões sobre as atividades que vêm desenvolvendo no sentido cultural e recreativo.

Têm realizado excursões a lugares de atração turística, entre eles o pico do Jaraguá.

Em uma de suas últimas reuniões deliberaram promover um festival campestre dedicado a "O Libertário", marcado para o dia 15 de julho, para o qual estão sendo distribuídos convites.

Dentro do plano cultural, criaram um curso de inglês, iniciado satisfatoriamente.

Uma outra iniciativa de alcance mais ampliado, que está em vias de efetivação, será a projeção de filmes de caráter educativo e de entretenimento saudável.

Contradições na Dialética Marxista

SOUZA PASSOS

"O Estado é incapaz de suprimir a miséria social e anular o pauperismo. E ainda quando se preocupa com este problema, se é que se decide a fazer algo, não dispõe de outros recursos que a beneficência pública e as medidas de caráter administrativo e frequentemente nem sequer isso."

Nenhum Estado pode proceder de outra forma; porque para suprimir a miséria deveria suprimir-se a si mesmo, pois a causa do mal reside na essência, na própria natureza do Estado, e não numa forma determinada dele, como supõe muita gente radical e revolucionária que aspira a modificar essa forma por outra melhor."

Por absurdo que pareça, ao analisarmos o regime totalitário bolchevista, que ainda persiste após duas gerações terem já atingido a maturidade sob esse regime instalado em 1917, são palavras de Karl Marx o que acabamos de ler. Constatamos de um artigo publicado no "Vorwaerts", de 7 de agosto de 1844, (citado por Rudolf Rocker no livro "As Ideias Absolutistas do Socialismo").

Será essa, porventura, a situação na Rússia submetida ao bolchevismo? O que lá se verifica é o contrário do que dizia Marx: a consolidação pela força e mediante a supressão de todas as liberdades, do Estado bolchevista; os indivíduos submetidos à tirania de um partido que conseguiu, mistificando e adulterando os fatos, tomar as rédeas do poder e dele se aproveitar para reduzir à condição de escravos da máquina estatal muitos milhões de pessoas que aspiravam à liberdade e para as quais a revolução de outubro de 1917 representava o início da completa libertação.

Só agora, depois de passados 44 anos durante os quais muita coisa se tem passado na Rússia que não se conhece no Ocidente, os dirigentes bolchevistas anunciam para daqui a 20 anos as primeiras realizações verdadeiramente socialistas. Ora, precisamos compreender que já se formaram duas gerações dentro do regime bolchevista; o regime tem sido expurgado de todos os antigos reacionários e até mesmo dos novos *inadaptados*, grandes figuras do marxismo deixaram de o ser e são agora apresentados ao povo como traidores e *contra-revolucionários*. Só uma verdade se constata: a continuação do regime "transitório" da "ditadura do proletariado" que se vai eternizando sem nenhuma solução prática para o socialismo.

A concepção do fatalismo econômico aplicada ao estudo das sociedades humanas é falsa. Não corresponde aos acontecimentos históricos em que se processaram as diversas fases da civilização, tanto no campo econômico como no social. No campo econômico, para ficarmos apenas nos aspectos da sociologia, verificamos o erro cometido por Marx e Engels com as suas teorias do fatalismo econômico, apesar das suas *concepções materialistas da história*, que colocam o fatalismo fora do sistema filosófico essencialmente metafísico ou religioso. Os fundadores do marxismo previam, *infelizmente*, a revolução social primeiramente nos países super-industrializados e cujo desenvolvimento tivesse atingido os mais altos graus. De acordo com as suas previsões, os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e a Alemanha seriam as primeiras nações a sofrer as transformações sociais que levariam derrocada do capitalismo. Contrariando, porém, essas previsões, a revolução de caráter social se produziu primeiramente em países cujo grau de desenvolvimento era extremamente primitivo sobre o ponto de vista econômico e cujos povos se viam a braços com a miséria generalizada: a Rússia, a China e os países balcânicos.

Não se produziu o fenômeno fatalista da história em que se baseia a *dialética marxista*. Também não foi o fatalismo histórico que levou a Rússia à construção da Super Bomba atômica que o primeiro ministro Kruchev fez explodir por ocasião do XXII Congresso do PCUS, realizado em Moscou, para impressionar o mundo e os congressistas, numa espécie de preparo psicológico destinado a fazer prevalecer os objetivos de afirmar o seu prestígio. Para Marx, a *ditadura do proletariado* (esclarecemos, ditadura do Partido Bolchevista) seria um estado transitório apenas necessário para desmontar a máquina governamental do czarismo, quando então deveria ser iniciada a obra construtiva do socialismo com a supressão do Estado.

(Continua na página 3)

riamente e este combate, que hoje seria tremendo e encarniçado, no seu devido tempo, perderá muito de seu aspecto violento.

Devemos ser sensatos até mesmo na maneira de fazer a revolução social, pois sensata é a nossa filosofia anarquista. Não excluo o emprego da violência, mas esta só em casos especiais, sobretudo em se tratando de "legítima defesa" de nossas instituições e organizações.

A revolução social tem que ser ampla, constante, eterna e sobretudo dirigida para dentro do homem. Este é o mais positivo modo prático e objetivo de se modificar o que existe fora do homem.

Dever-se-á processar fundamental mudança na consciência individual e coletiva, concomitantemente. O mundo fenomênico e o mundo das formas definidas pouco sofrerão; todavia, a ética, como um reflexo do mundo interno humano-social, apresentará modificações básicas.

O homem é o problema!

A Luta Libertária

1. — **Contra** o mito do poder como fonte de todas as soluções para os sofrimentos e males de que padece o povo.

2. — **Contra** a apatia e a inércia ante os problemas cotidianos do lar, do trabalho, da rua, da escola, da saúde, porque tudo se espera do governo, da ação oficial ou porque há indiferença e amargura em virtude de tantos enganos e decepções.

3. — **Contra** a confiança nas soluções e programas executados por homens quase providenciais aboletados na função pública e no partido político dominante que "interpreta" o povo, que conhece suas necessidades e afãs, que "realiza" o que o povo quer.

4. — **Contra** a entrega das organizações autênticas do povo a caudilhos, dirigentes, chefes, camarilhas e grupos movidos por interesses pessoais, manejados desde o poder ao serviço de partidos políticos.

5. — **A favor** da participação ativa nas instituições populares mais variadas, que têm por finalidade a superação cultural, econômica, social, etc. e a atuação dessas entidades na vida total do país.

6. — **A favor** da gestão direta por meio de organizações administradas e orientadas livremente por seus integrantes com objetivos definidos, com normas e métodos baseados na solidariedade e no bem comum, como os sindicatos, cooperativas, sociedades de fomento, centros culturais, institutos de investigações, entidades mutuais, organismos médicos, escolas, ateneus, bibliotecas, associações desportivas, etc.

7. — **A favor** das soluções que em todos os setores tornam possível a intervenção e o controle direto do povo ou do grupo social interessado nas mesmas.

8. — **A favor** da defesa permanente das liberdades conquistadas e do direito à difusão das idéias, à crítica às discussões e objeções dos atos oficiais, à experimentação direta do caráter cooperativo, à livre associação.

9. — **Trabalhamos** para que o povo confie cada vez menos nos governos e cada vez mais em seu próprio esforço construtivo; para que conheça caminhos diferentes aos eleitorais, e os empreenda com decisão; para que cada dia, homem e mulher, trabalhem conosco pelo anarquismo, que, sendo a meta digna de qualquer sacrifício, é, também, um guia inspirador de conduta e de realizações em cada hora de nossa vida.

Festival Campestre

No próximo dia 15, será levado a efeito um grande festival campestre, em homenagem a "O Libertário", promovido pelo Grupo Juvenil do Centro de Cultura Social.

Torna-se necessário que todos compareçam com suas famílias, dando nesse festival uma demonstração de solidariedade e compreensão, não apenas para com o nosso jornal, mas também como afirmação da consciência libertária.

Os convites estão sendo distribuídos por diversos companheiros e na sede do Centro de Cultura Social, à rua Rubino de Oliveira, 95.

NOSSO CORREIO

Conforme esclarecemos no número anterior, esta seção é mantida com o fim de, à guisa de recados, anteciparmos as respostas à correspondência recebida.

MONTEVIDÉU — Comunidad del Sur: Escrevamos nos fornecendo informações sobre o desenvolvimento dessa bela iniciativa, para serem divulgadas em "O Libertário". Salud!

GENEIRA (Suíça) — Pietro Ferrua: Não se esqueça de enviar as informações constantes da nota que lhe foi fornecida quando aqui partiu. Saúde! — Ed.

PELOTAS (R. G. S.) — [P. B.: O convívio com a mocidade otogenária do companheiro que daí veio participar do encontro de abril, avivou-nos a lembrança da nossa antiga militância com você e demais companheiros sulinos. Corresponda-se conosco. Saudações a todos.

PELOTAS (R. G. S.) — T. O. L.: Recebida sua animadora carta de 27 de maio. Registramos sua assinatura de "O Libertário". Remeteremos a relação de livros. Expediremos o que temos. Pode registrar cheque a cargo do banco indicado. Indique-nos nomes de pessoas interessadas pelo nosso jornal. Saudações ao nosso amigo.

SOROCABA — J. P. G.: Valiosa a relação de endereços. Será uma nova contribuição se nos enviar outros. Não lhe parece que, até certo ponto, se não se justifica, compreende-se essa atitude dos elementos citados? Distanciados daquele ambiente de permanente efervescência, há os que se sentem deslocados. Apesar de todas as barreiras, a Ibéria rebelde ainda dirá a palavra decisiva... Essa é também nossa orientação: agir como unidades ativas do povo e não como pretensas líderes. A vida da nossa imprensa é sempre penosa; e você sabe porque. Quanto a este periódico, teremos o que de nós depender para que tenha vida ativa. Visitamos, por seu intermédio, o companheiro enfermo. Saudações à An. Saúde!

Contradições...

(Conclusão da 2.ª pag.)

O erro sociológico de Marx consiste em ter ele desprezado uma verdade científica — a função faz o órgão. Nas suas críticas ao Estado e às instituições do capitalismo, caminha lado a lado com os anarquistas; falha, porém, na aplicação dos meios para se chegar ao mesmo fim, isto é, quando pretende alcançar o socialismo mantendo intactas as condições mais desfavoráveis ao princípio da solidariedade: o princípio de autoridade, consubstanciado no Estado totalitário, com maior intensidade por que exige a total submissão do indivíduo às suas normas de funcionamento. E foi o Estado totalitário que se implantou na Rússia como consequência da dialética marxista. O pretendido "suicídio" do Estado previsto por Marx nunca será um acontecimento histórico, porque contraria as leis da causalidade.

No regime capitalista, a capacidade de adaptação das instituições às conjunturas revolucionárias, não previstas por Marx, se encarregou de fazer fracassar a dialética marxista. De concessão em concessão, o capitalismo vai procurando tagenar anulação as investidas do proletariado. Os programas de reforma agrária constituem agora a tábua de salvação nas plataformas políticas dos Estados capitalistas. Ainda há pouco tempo, o ministro Tancredo Neves, em um programa de televisão, afirmava: "ou procedemos à integração do homem concedendo-lhe meios de vida dignos, ou teremos dentro em breve a revolução social."

Parece um paradoxo, mas as realidades sociais que se constatarem presentemente no mundo ocidental nos fazem crer na possibilidade da realização socialista antes mesmo que se tenha produzido na Rússia soviética...

É que na Rússia, por obra e graça do regime totalitário, o bolchevismo, na revolução social, tornou-se um elemento na escala da evolução.

Ainda Impera a Chibata em Fazendas Brasileiras

Agenciadores de escravos e fabricantes de m'séria jogam com a vida de seres humanos impunemente nas fazendas do Paranapanema. A tortura física, o rebaixamento moral, castigos e exploração, caça aos fugitivos e venda dos recalcitrantes, tudo isso ainda acontece hoje, 90 anos após a abolição da escravidão!

Para quem já tenha lido "A Selva", de Ferreira de Castro, e se haja inteirado dos horrores a que estavam sujeitos os trabalhadores dos seringais no alto Amazonas, achará que o escritor abusou da sua imaginação ao pintar com tanto realismo as cenas de rebaixamento moral e degradação física que nele se encontram. No entanto, muito embora o escritor português se refira a uma situação que existia há meio século atrás, numa região inexplorada e de acesso difícil, o realismo chocante de suas descrições em "A Selva" não passa de brincadeira em face do relato que nos faz a revista "Fatos & Fotos", em seu número de 19 de agosto de 1961. Não há ali fantasia nem literatura. Não é também uma simples reportagem policial. É um documento vivo, com depoimentos verdadeiros e aspectos fotográficos impressionantes que espelham a existência de uma chaga social hoje inconcebível.

Transcrevemos apenas um trecho, o menos cruel, dessa reportagem de "Fatos & Fotos":

"A história da escravidão de lavradores nordestinos é antiga. Começa em pequenas cidades do interior da Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Ceará e termina nas fazendas de São Paulo, Paraná e Mato Grosso, onde os latifundiários até hoje não viram seus crimes punidos pela Justiça. Pelo nordeste brasileiro sempre aparecem mercadores de escravos brancos, como êsses famigerados irmãos Lino dessa história. Geralmente acercam-se de pobres lavradores sem terras para trabalhar, e pagam uma cachaca

numa quitanda qualquer. Entre uma pinga e outra, procuram conhecer a índole da sua futura vítima. Lavrador brabo, valente, acostumado a andar armado de peixeira não serve. Os tímidos, sim. Principalmente garotos de 12 a 16 anos. Para êstes, os traficantes dispensam as maiores atenções. Contam histórias maravilhosas de fortunas rápidas, de compras de terras pelo trabalho, de assistência social, etc. Em dez minutos de conversa um pobre garoto de Palmeira dos Índios, sem parentes, sem amigos e sem emprego, viu-se promovido a dono de cafetais, boiadas, de automóveis e de mulheres bonitas. Para os mais velhos, nordestinos de 18 anos para cima, os traficantes procuram despertar o sentimento sexual, garantindo-lhes que as mulheres sulistas apreciavam "garças do Norte". O contrato de trabalho é acertado ali mesmo na quitanda, onde o traficante paga todas as despesas de bebida e comida, exibindo muitas notas de mil cruzeiros, para que vejam como se ganha dinheiro nas fazendas de São Paulo".

O resto são fatos acontecidos e contados pelas vítimas da selvageria e da prepotência de dois fazendeiros — os irmãos Lino — passados na Fazenda Pontal, Município de Presidente Epitácio. O uso da chibata, o cano do revólver encostado à nuca dos desgraçados que acreditaram nas promessas de trabalho em condições humanas e favoráveis para os obrigarem a marchar 12 quilômetros todas as manhãs e, na volta, todas as noites, em direção à mata onde se procedia à derrubada de árvores gigantescas. E esse

trabalho, que se iniciava às 3 da manhã e terminava muitas vezes às 21 horas, era executado sob a vigilância de um dos carrascos fazendeiros, chicote em punho, montado a cavalo e de revólver à cinta.

A alimentação que lhes serviam, em latas velhas, era a mesma todos os dias: caldo de feijão e farinha, ou então farinha com açúcar sem caldo de feijão. Por esse trabalho estafante e desumano ganhavam a miséria de 60 cruzeiros diários, que nunca recebiam, porque tudo lhes era descontado a preços exorbitantes, de modo que nunca chegavam a pagar o que deviam. Se algum mais atrevido tentava fugir àquele inferno, era "caçado" pelo dono que se servia de um cão policial e um bom cavalo. Como castigo, além de outros, o fugitivo era obrigado a pagar Cr\$ 1.300,00 pelo "trabalho" do cavalo e Cr\$ 500,00 pelo "trabalho" do cachorro. Era chicoteado, obrigavam-no a carregar às costas o fazendeiro num percurso de dois quilômetros e a beijar na boca um ser repeleste que ali estava como de propósito para servir de castigo aos inconformados: um negro sujo, com cara de sapo, sempre escorrendo baba pelos cantos da boca.

E isso tudo acontece num país civilizado, que tem a "melhor legislação trabalhista do mundo", enquanto os ingênuos deputados ficam a discutir a Reforma Agrária. Isso e muito mais, porque a audácia desses escravocratas chega mesmo ao ponto de vender os mais recalcitrantes a outros "valentes" da zona iguais a eles.

Enquanto isso se passa nas fazendas do Paranapanema, os jornais noticiam também a existência, em fazendas capixabas de situações ainda mais graves, como por exemplo, a de um fazendeiro que mantinha em suas fazendas um cemitério particular onde mandava enterrar os cadáveres de suas vítimas...

Conversando com os leitores

Queremos que "O Libertário" seja um veículo de relações entre os seus leitores. Essa tem sido, aliás, uma característica da nossa imprensa.

E' com esse objetivo que criamos esta seção, para registrar o que de interesse geral contenha a correspondência enviada ao jornal.

Começamos com esta carta vinda do extremo sul, da cidade de Pelotas onde a atividade libertária tem animado proveitosas iniciativas.

"Por intermédio de nosso grande amigo, fiquei conhecendo, há tempos, essa extraordinária doutrina que se chama Anarquismo, tornando-me, como se era de esperar, um grande admirador, dessa sublime doutrina e, ao mesmo tempo, um entusiasta propagador desses ideais verdadeiramente humanos.

Por intermédio ainda desse amigo, tenho recebido vários jornais anarquistas argentinos, uruguaios, espanhóis, costariquenhos etc. e o que é mais interessante ainda, tenho em mãos, alguns números deste grande jornal que foi "Ação Direta". Digo que foi, porque ao que parece ele deixou de circular e em seu lugar, apareceu este promotor e não menos combativo e esclarecedor "O Libertário".

E este -, portanto, o motivo desta carta: solicitar uma assinatura de "O Libertário", bem como uma lista de todas as obras que a imprensa anarquista está publicando".

Seja bem-vindo ao seio da família libertária, onde é acolhido com o abraço da solidariedade de todos os militantes.

A "Ação Direta" é do Rio de Janeiro, tendo sido publicados, circunstancialmente, diversos números em São Paulo. Atualmente, está com sua publicação suspensa.

KIBUTZ: Exemplo de livre convivência

O escritor brasileiro Enrique Tongetti dedica a sua crônica de "O Globo", do Rio de Janeiro, de 31 de maio p. p. à apreciação do livro "Israel, Prós e Contras", na qual o seu autor — Silva Melo — ocupa-se dos Kibutz.

É mais um insuspeito testemunho sobre a extraordinária experiência de convivência social em moldes da livre organização, na base do apoio mútuo, à margem do Estado.

Reproduzimos os trechos principais dessa crônica, nos quais se patenteia a possibilidade da organização social livre da exploração do homem pelo homem e da dominação da autoridade.

Exatamente como propugnam os anarquistas. Pena é que essa experiência não se generalize. O exemplo de Israel já está sendo aproveitado por outros países, citando-se, entre eles, a Birmanian e noticiando-se que também no Brasil, no Rio Grande do Norte, vai ser feita uma tentativa nesse sentido:

No seu livro ISRAEL, PRÓS E CONTRAS, Silva Melo analisa a experiência do kibutz — a exploração coletiva da terra pelos próprios agricultores. Num solo agressivo, secularmente abandonado, o trabalho e a técnica judaicas fizeram verdadeiros milagres, recobrando de húmus regiões esterilizadas, fazendo, jorrar água das rochas candentes, criando uma civilização agrícola onde um nomadismo de deserto negava raízes ao próprio homem em seu habitat. Israel é hoje um país exportador de frutas e de hortaliças.

O Kibutz de Bror Chail é composto de israelitas vindos diretamente do Brasil, alguns de famílias ricas. Enfrentam os trabalhos mais duros e humildes num regime fraterno de comunismo bíblico, que difere do de Moscou por não haver no mesmo uma burocracia política dirigente, uma classe dominante, recebendo um quinhão gordo, suado em rosto alheio. Não circula moeda, ali: seus membros recebem as utilidades necessárias e vivem num nível de conforto e de sociabilidade dignificante. Todos se revezam nos serviços de limpeza e de manutenção doméstica da colônia: lavam latrinas, como servem a mesa ou pintam uma parede desbotada pelo tempo. Os membros mais velhos recebem as primeiras vantagens distribuíveis do trabalho em comum, que irão sendo alcançadas pelos outros de acordo com a data da sua entrada no

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

"Passado, Presente e Futuro do Movimento Literário foi o tema de uma conferência realizada no Centro de Cultura Social pelo companheiro Juan Sanz, no dia 26 de maio p.p. que despertou grande interesse em vista dos conceitos sustentados pelo conferencista, como interpretação pessoal dos fenômenos sociais que tiveram como base a Revolução Espanhola de 1936-1939.

Achando-se presente vários militantes que tomaram parte naquela empolgante movimento houve debates animados e elucidativos com referência ao assunto, resolvendo-se, em vista do adiantado da hora continuar-se a debater em outras reuniões, que se realizam aos sábados, o mesmo tema.

Em continuação, além dos debates que se estabeleceram no dia 2 de junho, pois não havia conferencista inscrito, o companheiro Antonio Gomez, que teve atuação no movimento revolucionário espanhol, fez uma conferência sob o tema — "A Grande Possibilidade da Libertação e da Renovação da Espanha".

Essa conferência produziu o efeito de uma resposta à conferência anterior, animando todos os presentes a discutir o tema da Revolução Espanhola e as suas consequências, tornando-se patente que, apesar de todos os óbices verificou-se uma grande e animadora demonstração de capacidade organizadora em defesa da liberdade do povo.

Pesquisas Anarquistas

Recebemos do Centro Internacional de Recherches sur L'Anarchisme, com sede em Genebra, Suíça, uma circular em que se mencionam as suas atividades de âmbito internacional, referentes à biblioteca, acusando o recebimento de várias obras de valor histórico e informativo, bem como diversos autógrafos de Elisee Reclus, Sebastien Faure, Jean Grave, Louise Michel, William Morris, Luigi Galvani, Luigi Bertoni e Max Nettlau, uns adquiridos e outros enviados por pessoas que os tinham em seu poder em cartas de seus autores.

Além dessas atividades do Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo, a referida circular mencionava também uma palestra de Pietro Ferrua lá realizada para expor as suas observações relativas às atividades libertárias no Brasil e a uma palestra que realizou na sede do Centro de Cultura Social de São Paulo, prestando esclarecimentos sobre a finalidade do CIPA.

CERTAME ANARQUISTA

Em carta dirigida a um militante residente no Rio de Janeiro, o Secretário Geral da Federação dos Grupos Anarquistas da Venezuela menciona, "De nossa parte, temos em vista um grande projeto. A celebração de um grande certame sobre "Uma Estrutura Socialista Libertária", ou seja, uma "República Confederal e Libertária", de acordo com a mais pura concepção filosófica do anarquismo.

Publicaremos uma revista para dar a conhecer 18 temas que os companheiros e grupos estudarão, produzindo as conclusões para serem apresentadas a um organismo especial, que será fundado com o nome de Agência Continental Coordenadora de Estudos Libertários. A seguir, promover-se-á uma grande reunião continental, para decidir a respeito. Advertimos, porém, que só desejamos uma verdade e que, fora dela, não estamos dispostos a atuar. A verdade é fazer, é construir. Não queremos que seja uma experiência de cores vistosas de pavão real".

Nossa Estante

Encarregamo-nos da aquisição dos seguintes livros gozando de uma comissão em benefício da propaganda libertária. Podem ser pedidos para a Caixa Postal, 5739 — São Paulo.

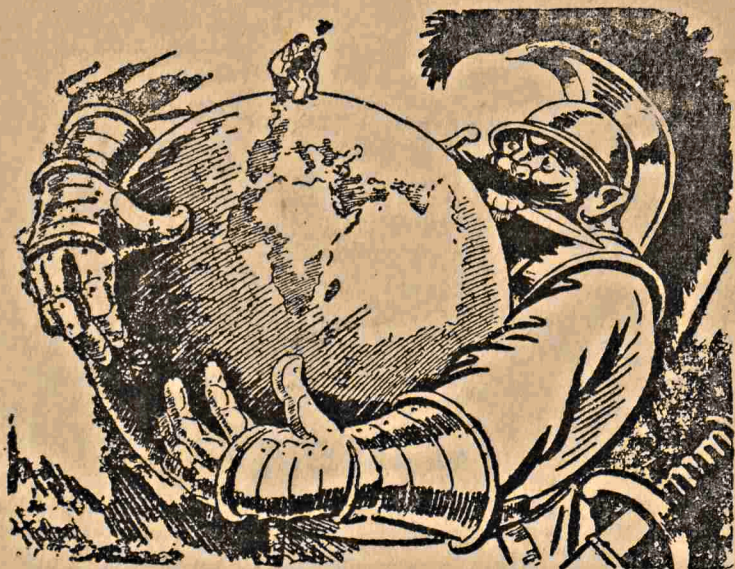
"A Solução Anarquista para a Questão Social" — Errico Malatesta	40,00
"Uma Mulher Diferente" — Pedro Catallo	50,00
"O Coração é um Labirinto" — Pedro Catallo	50,00
"Deus Existe? — Eis a Questão" — Sebastien Faure	10,00
"As Ideias Absolutistas do Socialismo" — Rudolf Rocker	100,00
"Curso de Literatura" — José Oiticica	300,00
"Incitação ao Socialismo" — Gustav Landauer	300,00
"A Fome em Portugal" — Edgar Rodrigues e Roberto das Neves	300,00
"Portugal Oprimido" — Cap. Fernando Queiroga	300,00
"Na Inquisição de Salazar" — Luiz Portela e Edgar Rodrigues	300,00

"SOLUÇÃO ANARQUISTA PARA QUESTÃO SOCIAL"

Brochura de 40 páginas, reunindo os seguintes capítulos, além da biografia do autor — Errico Malatesta:

Origem dos males sociais — Fins e formas da sociedade — O Anarquismo — Socialismo e Anarquismo — O Anarquismo e a Moral — O emprego da Violência — Vias e Meios — A luta econômica — A luta política — Que querêr e quem querêr a próxima transformação? — Conclusão.

Preço: Cr\$ 40,00. Pedidos ao diretor do jornal, para a Caixa Postal 5739 — São Paulo.



É PRECISO REAGIR CONTRA ESTA TRÁGICA SITUAÇÃO: O MUNDO ENVOLVIDO PELOS GUANTES DO MILITARISMO — EXECUTOR DAS GUERRAS

Mensagem da Internacional dos Resistentes à Guerra

“A Internacional dos Resistentes à Guerra tem em mira substituir os preconceitos pela compreensão, o ódio pela tolerância e o cinismo pela esperança, visando a uma transformação social em que a fraternidade universal seja uma realidade concreta.

Com esse objetivo, concitamos todos a pôr em prática as idéias pacifistas, a começar pela rejeição incondicional de todas as guerras e o apóio a todas as pessoas e grupos que de qualquer forma trabalhem pela abolição dos elementos destinados à guerra, sejam quais forem as suas causas e motivos.

Sabemos que o indivíduo tem de pagar um preço excessivamente elevado para manter e levar à prá-

tica estes princípios inspirados na idéia da paz mundial. Pessoas jovens, ao se oporem resolutamente ao militarismo e à conscrição, têm sofrido as consequências de suas atitudes enfrentando a miséria, o ostracismo, a perda da liberdade e até mesmo a morte. Os melhores dentre eles passaram pelas prisões; centenas estão encarcerados no momento em que escrevemos estas linhas.

A Internacional dos Resistentes à Guerra não subscreve esta ou aquela doutrina política ou religiosa. Assim, acha-se à vontade para poder apresentar a sua mensagem pacifista livremente e eficazmente em todas e quaisquer situações”.

“O Verdadeiro e o Falso Sindicalismo”

Sob o título acima, O Estado de S. Paulo publicou, na secção de “Notas e Informações”, um comentário em torno do que devemos entender por isso mesmo, por verdadeiro e falso sindicalismo.

“No discurso que pronunciou nas comemorações do 1.º de Maio, na Praça da Sé, começa por dizer-nos o comentarista, o presidente do Movimento Sindical Democrático, sr. Antonio Pereira Magaldi, afirmou que a criação do MSD, há exatamente um ano, “veio abrir um paralelo em nossa organização sindical, possibilitando ao trabalhador vislumbrar, por si mesmo, de que lado está o verdadeiro sindicalismo e onde se situam aqueles que fazem do sindicalismo um veículo para a pregação de ideologias que contrariam frontalmente as tradições de nosso país e a índole cristã de nosso povo”.

Dessas palavras, assim como de outras no contexto do discurso do sr. Magaldi, podemos inferir que o movimento sindical do qual ele é presidente esta, se não sob o controle, pelo menos sob a influência, direta ou indireta, da Igreja Católica Apostólica Romana. Em um trecho relativamente curto, o sr. Magaldi fala-nos em “Nosso Senhor Jesus Cristo”, em “princípios cristãos” e da “índole cristã de nosso povo”. Ora, isto é muito “cristianismo” para tão pouco sindicalismo. Para um sindicalismo que, diga-se desde já, não obstante estar paralelo a outro tipo de sindicalismo ao qual o sr. Magaldi alude, não é, em rigor, um verdadeiro sindicalismo. O verdadeiro sindicalismo deve estar livre, conforme já o afirmava um dos seus maiores estudiosos, Neno Vasco, não só dos partidos políticos, como também da influência de qualquer seita religiosa.

Depois, o que é isso de índole cristã e princípios cristãos com que vivem, constantemente, a ferir-nos os tímpanos? Não há índole cristã ou anticristã e sim boa e má índole entre todos os povos. Na concentração da Praça da Sé, os discursos pronunciados entre os quais o do sr. Magaldi primou pelo seu colorido de sermão tiveram a colaboração do Estado e, com sua presença, a de N.S. da Penha. Portanto, mais uma vez, depois de tantas mil, ficou patente que o que é de Cesar também pode ser de Deds e vice-versa. Isso está em harmonia com os princípios cristãos? De duas uma: ou o sr. Magaldi e os que estão com ele não são sinceros ou nunca leram a Bíblia. Em qualquer dos casos, não merecem crédito.

Bem, quanto ao sindicalismo, ficaremos em que os trabalhadores que sabem vislumbrar, ou melhor, discernir, de que lado está o verdadeiro sindicalismo, também sabem que podem existir dois tipos de sindicalismo paralelos sem serem verdadeiros, porque não são livres, como no caso presente.

Para corroborar a afirmação do sr. Magaldi, o autor da nota em questão, prossegue:

“No mesmo dia em que eram pronunciadas tais palavras, esse paralelismo manifestava-se de maneira chocante, pelo modo como o verdadeiro e o falso sindicalismo comemoram o “Dia do Trabalho”. Enquanto na Praça da Sé se concentrava uma multidão de milhares de trabalhadores democráticos e cristãos, lotando completamente o grande recinto situado no coração da nossa Capital, uma minoria insignificante reunia-se em um cinema da cidade, para aí comemorar, a seu modo, o 1.º de Maio. Contudo, muito mais do que essa diferença numérica, por si só já bastante eloquente, o trabalhador brasileiro pôde perceber com qual dos dois grupos estavam identificados os seus verdadeiros interesses, em face da orientação dada por cada um deles a suas manifestações”.

Ora, isso não é uma maneira correta de argumentar. Se a minoria reunida no referido cinema houvesse tido a idéia, e é claro, a permissão de se reunir em uma ampla praça pública, levando para lá, em um andar, a imagem de Lenine ou mesmo de Stalin, e contando, com o reforço já não digo com a colaboração das autoridades constituídas, mas com a cobertura da grande imprensa, talvez tivessem contado com outra tanta multidão como a que se reuniu na Praça da Sé. A julgar por um clichê que eu vi no próprio “O Estado de S. Paulo”, ainda estou para saber se a concentração da Praça da Sé foi o que poderíamos chamar de comício, ou uma procissão. Ainda estou para saber se a multidão foi à Praça da Sé para ouvir a defesa dos seus interesses ou para ver a imagem de N.S. da Penha.

O fato é que, em suas manifestações os dois grupos mistificaram, cada qual a seu modo, o verdadeiro sentido das comemorações do 1.º de Maio.

A seguir, o comentarista des-camba para uma serie de conside-

rações que, a meu ver, nada têm de comum com o verdadeiro sindicalismo. Diz-nos, por exemplo, que, na concentração da Praça da Sé, falou-se (entre outras reivindicações) da “...aprovação, pelo Congresso Nacional, dos projetos sobre abono de Natal, férias de trinta dias, salário familiar, reforma agrária e regulamentação do direito de greve”.

Esta última, a “reivindicação” da regulamentação do “direito” de greve, talvez venha a ser a primeira a ser posta em prática através de algum projeto de lei. Mas, quando alguma greve é declarada, geralmente é logo acusada de ilegal; logo, já haverá alguma lei que regulamente o direito de greve. Para que, pois, outra regulamentação? O autor destas linhas, pouco ou nada entende de regulamentações de greves; mas, como as greves não são feitas por esporte e sim impostas por inadiáveis necessidades dentro da luta pela vida, o bom senso nos diz que nada mais irrisório que a pretensão de regulamentá-las, mormente por sabermos, ainda que por mera intuição, que tais regulamentações serão feitas

com maior benefício para o patronato.

Quanto a outras reivindicações é evidente que, ainda que aprovadas, ficarão muito aquém da solução dos problemas sociais. E então?

“Em resumo — continua o articulista — os trabalhadores democráticos e cristãos realizaram a manifestação de 1.º de Maio tendo em vista os seus interesses e os de seus companheiros, mas também os interesses da Pátria (como a Pátria tem as costas largas!...) e da ordem democrática, sem a qual nenhuma garantia poderão ter os cidadãos particulares. Nestas circunstâncias, sua reunião assumiu o caráter de uma autêntica manifestação patriótica, ressaltando ainda mais pela entoação do Hino Nacional (e de hinos religiosos) com que se encerrou a concentração.

No cinema onde se reuniu a minoria de que falamos guiada por objetivos totalmente diversos e obedecendo ao comando de “líderes” que, por sua vez, seguiam ordens emanadas das estepes russas, as coisas se passaram de modo totalmente diferente. Em vez do Hino Nacional, cantou-se a “Internacional” comunista; em vez de uma solução pacífica para os problemas dos trabalhadores, pregou-se a luta de classes”.

De modo que, de um lado, onde se obedece as ordens emanadas das estepes russas, cantou-se a Internacional, mas não se contou que não é comunista, mas o Hino que simboliza as aspirações dos trabalhadores, pelo que, por certo, hoje não é mais cantada na Rússia; e por outro lado, à guisa de se comemorar o 1.º de Maio, faz-se uma tremenda confusão de sindicalismo, patriotismo, democracia etc., tudo ao som do Hino Nacional e outros hinos, mas de certo modo, também obedecendo a ordens emanadas de outras partes, como, por exemplo, do Vaticano.

Em resumo — direi tamb-m eu para terminar — tanto de um lado como do outro, é tudo, mais ou menos, farinha do mesmo saco, quando se trata de mistificar, de explorar, não sei até que ponto consciente ou inconscientemente a eterna ingenuidade do trabalhador.

OSVALDO SALGUEIRO

O LIBERTÁRIO

SÃO PAULO — JULHO DE 1962

ANO II N. 9

MOVIMENTO OPERÁRIO

A Finalidade Social do Movimento Operário

Participando, como delegado, do certame proletário no Rio de Janeiro, em 1960, o companheiro Edgar Leuenroth apresentou à sua consideração a seguinte moção, sonegada pelas manobras dos “pelegos” amarelos e vermelhos:

“O 3.º Congresso Sindical Nacional reunido no Rio de Janeiro como expressão da organização proletária de todo o país, examinando as condições particulares da classe trabalhadora em face deste conturbado período histórico da vida brasileira, considera como um imperativo de sua missão firmar as finalidades e orientação do movimento proletário do Brasil.

Reportando-se, para isso, às conclusões dos trabalhos dos três primeiros congressos operários brasileiros realizados no Rio de Janeiro em 1906, 1913 e 1918, que firmaram a orientação do sindicalismo no sentido da luta reivindicadora do proletariado na base da ação direta de suas organizações, resolve confirmar a declaração de princípios aprovada no 3.º Congresso Operário Brasileiro, como síntese dos trabalhos dos três referidos certames obreiros.

Assim, examinando e ponderando a situação histórica de fato em que se encontra o proletariado mundial neste momento, julga necessário estabelecer em termos precisos, um critério fundamental, positivo e realista, pelo qual deverão orientar-se todas as organizações, todas as lutas, todos os esforços dos trabalhadores do Brasil:

1.º) Toda a vida dos nossos dias, em todo o mundo, gira em torno do choque de interesses entre as classes básicas da sociedade: a classe dos trabalhadores e a classe dos capitalistas. Estão de um lado os operários, os produtores, os oprimidos, os pobres; de outro lado

estão os patrões, os parasitas, os opressores, os ricos.

2.º) A classe dos trabalhadores é a classe que produz efetivamente e diretamente todas as riquezas sociais, e é, no entanto, a classe pobre; a classe dos capitalistas nada produz diretamente, nem efetivamente, e é, no entanto, a classe rica.

Há neste fato concreto uma injustiça concreta, que a consciência das massas proletárias de hoje não pode suportar. Daí, o choque de interesses que se transforma numa luta contra a injustiça, numa luta pela justiça.

3.º) A característica histórica dos conflitos sociais do nosso tempo é: revolta da consciência proletária contra a injustiça do regime capitalista.

4.º) Da consciência desperta e revoltada nasce o desejo da ação; do desejo da ação nasce o emprego da força coletiva; do emprego da força coletiva nasce a necessidade da organização. A organização, unindo forças dispersas, aumenta a força de cada um e aumenta a força de todos. Desorganizados, os trabalhadores nada podem; organizados, podem tudo.

5.º) Ficam, pois, firmados os princípios e as finalidades fundamentais da organização operária: revolta contra a injustiça, luta contra o regime de desigualdade entre os homens.

6.º) Síntese: a organização operária, constituída sob um princípio de justiça, tem por fim lutar por uma sociedade cujas normas de convivência sejam baseadas no trabalho útil, revertendo o produto dele resultante em proveito de todo o povo produtor.”

Sindicato dos Trabalhadores em Calçados

“Chega de esperar um ano para obter novo reajustamento dos salários. Os tubarões estão à vontade, aumentam tudo todos os dias. Por que temos de esperar?

Alerta companheiros e companheiras! É hora de reunir! Somente com nossa unidade conseguiremos romper a barreira que nos impõem algumas leis totalmente obsoletas, que servem somente aos interesses dos empregadores.

Os sindicatos dos empregadores não tomaram conhecimento das nossas reivindicações, porque a eles nada falta; o certo, portanto, é seguir o exemplo dos companheiros da Cia. de Calçados Clark que, no dia 22 de maio, paralisaram o trabalho por meia hora em sinal de protesto contra o pouco caso demonstrado pela direção da empresa e para exigir as seguintes reivindicações:

Reajustamento geral dos salários na ordem de 30%, a partir de 24 de outubro de 1962; estabelecer o salário mínimo profissional para incidência do aumento pleiteado; tornar obrigatório o fornecimento pelos empregadores de comprovantes de pagamentos pela seguinte forma: denominação do estabelecimento; nome do empregado; especificação do salário; número de peças executadas e preço unitário das mesmas, quando tratar-se de empregado tarefeiro; coluna especial para os descontos previstos em lei; eliminar a prática adotada por algumas empresas de cobrarem aviaamentos dos empregados; eliminar o trabalho aos sábados sem prejuízo dos salários.

Companheiros e companheiras: este é o nosso programa de luta. Não podemos esperar que as leis venham atender todas estas reivindicações, pois a maioria dos deputados federais são tubarões e evidentemente eles não vão criar cobras para picá-los. Daí a razão para confirmarmos apenas em nossa força e em nossa unidade. Sem nossa ação não conseguiremos nada.